

ONDAS QUE CARREGAM ÁGUAS: INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

SANTOS; Barbara dos ¹

RESUMO

ONDAS QUE CARREGAM ÁGUAS: INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Barbara dos Santos

Eu queria usar palavras de ave para escrever. Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação. Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra! A mãe que ouvira a brincadeira falou: Já vem você com suas visões! Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis e nem há pedras de sacristias por aqui. Isso é traquinagem da sua imaginação. O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de fontes. O pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra. Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras [...] (BARROS, 2010, p. 9)

Este trabalho tem como objetivo compartilhar algumas reflexões e experiências sobre os processos inclusivos de uma escola pública localizada na região noroeste do município de Campinas, SP, no período compreendido entre fevereiro de 2023 e junho de 2024 na perspectiva do trabalho da orientação pedagógica. Este recorte visa considerar algumas condições no trabalho com a inclusão e a diversidade com estudantes de 6º a 9ºs anos e da Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido, queremos trazer algumas contribuições de como o olhar da gestão escolar é importante no trabalho com os estudantes público-alvo da educação especial, a partir de um princípio básico que é a escola inclusiva e para todos. Na unidade escolar em questão, contamos com onze turmas do ensino fundamental e quatro turmas de E.J.A, totalizando quinze turmas sob a responsabilidade da orientação pedagógica dos períodos tarde e noite. Cada turma conta com diferentes demandas e especificidades, seja com estudantes público-alvo ou mesmo com alunos que precisam de algumas adaptações no sentido de eliminar as barreiras que estão obstruindo o acesso ao conhecimento e ao currículo que é oportunizado para todos. Neste sentido, contamos com o trabalho da professora de referência da educação especial, bem como da professora da sala de recursos, quando o estudante assim necessitar de um trabalho pedagógico individualizado que inclua os recursos diferenciados, as tecnologias assistivas e a adequação curricular ao planejamento do estudante público-alvo do atendimento educacional especializado. Também é fundamental considerar a importância e a necessidade de um diálogo produtivo entre os professores dos diferentes componentes curriculares ao qual o estudante público-alvo terá acesso e a professora de referência no contexto da sala de aula e das políticas de adequação curricular no município de Campinas

O acompanhamento pedagógico envolvendo a organização do trabalho, os processos de avaliação do educando nos diversos espaços e tempos do trabalho pedagógico, além da análise do contexto familiar e social resulta da atuação conjunta planejada entre as professoras das turmas e a professora da educação especial, sendo que a atuação desta última não é substitutiva à docência da professora regente da turma, mas sim articulada e transversal [...] (CAMPINAS, 2021, p. 9)

¹ Instituto de Artes da UNESP, b.santos01@unesp.br

Dessa forma, as diretrizes curriculares do município de Campinas para a educação especial e inclusiva consideram que o trabalho docente tem co-participação de professores regentes de turma, no caso específico das classes de fundamental anos finais, dos professores especialistas de cada disciplina, para que as adequações e a flexibilização dos conteúdos estejam em consonância com o trabalho pedagógico e interdisciplinar já previsto no projeto pedagógico da escola. Assim, se faz necessário refletir sobre o trabalho pedagógico na escola que considerem as diferenças e a diversidade, independente de ter estudantes com deficiência ou não. Quando a escola tem uma proposta solidificada com base nos princípios de inclusão e respeito à diversidade e as diferenças, compreende que todo estudante é especial no sentido *lato* do termo, já que cada um deve ser observado por suas singularidades, que nos diferenciam e nos tornam únicos e humanos. Logo, defendemos uma escola que não se prepara para ser inclusiva, ela é desde a sua concepção, passando pela escrita do projeto pedagógico até a atuação de seus profissionais, na qual as diversidades e as diferenças residem em todos nós, independentemente se temos uma deficiência ou não. Até porque, na perspectiva de considerar a eliminação de barreiras, seja física ou atitudinais, todos nós temos alguma que podemos relatar e dividir para o outro. Entretanto, é evidente que esta perspectiva que apresentamos há pouco não pode desconsiderar os estudantes que demandam da escola maior mobilização frente aos desafios de uma escola verdadeiramente inclusiva e democrática, que garanta o acesso e a permanência de estudantes público-alvo ao currículo e aos saberes historicamente constituídos. A escola é inclusiva quando ela se propõe a pensar num movimento de rotação e espiral, na qual os atores e os sujeitos se refazem todos os dias, por meio de ações que levem a comunidade a refletir sobre a função social da escola pública enquanto equipamento cultural, na qual os estudantes se empoderem e se sintam pertencentes como produtores de cultura e mobilizadores dos conhecimentos para a vida. A inclusão e o respeito às diferenças são valores e princípios que não podemos abrir mão e que estão no bojo das discussões de uma escola justa, igualitária, democrática e para todos, na qual o cenário que se apresenta é de grande complexidade e contradições e demanda de nós, educadores e profissionais, empatia e responsabilidade pela presença do outro, nas suas ambivalências e desafios na trajetória e nos percursos que trilhamos na educação.

[...] a busca por uma escola de qualidade e inclusiva é atravessada pelo encontro com a diversidade que apresenta um rol de diferenças e que, para serem integradas no cotidiano escolar, não basta a simples ocupação de espaços físicos. O fato de crianças, jovens e adultos com deficiência terem acesso à escola pública [...] não significa que ações integradoras estejam sendo realizadas, pois o princípio político de inclusão tem, simplesmente, delimitado a mais um discurso de modernidade, ou, em alguns casos, a uma simples política de atendimento isolada do sistema [...]. (VIZIM, 2003, p. 50-51).

Palavras-chave: Adaptação curricular. Diversidade. Diferença. Escola inclusiva. Formação continuada.

Referências

BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2010.

CAMPINAS. Princípios e fundamentos da política de Educação Especial da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Campinas: Secretaria de Educação, 2021. Disponível em: <<https://l1nk.dev/txgpw>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

VIZIM, Marli. Educação inclusiva: o avesso e o direito de uma mesma realidade. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli (orgs.). **Políticas públicas**: educação, tecnologias e pessoas com deficiência.

Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 49-71.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação curricular, Diversidade, Diferença, Escola inclusiva, Formação continuada